

A PALATALIZAÇÃO DO /S/ PÓS-VOCÁLICO: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA DA TRANSFERÊNCIA FONOLÓGICA DO FALAR PARAIBANO (L1) NA AQUISIÇÃO DE INGLÊS (L2)

Priscila Evangelista Morais e Lima (UFPB)

prisevangelista@hotmail.com

Introdução

A interface Sociolinguística e Aquisição de L2 tem surgido como um novo campo de estudos linguísticos. A fim de estudar a relação entre o contexto social e a aprendizagem de uma L2, a união desses dois campos da Linguística busca explicar como os fatores linguísticos e extralinguísticos podem intervir no uso de um novo código linguístico. Alguns estudos (BAYLEY, 2005; LUCENA & ALVES, 2009; CAGLIARI, 2010; LIMA, 2012) têm sido realizados nessa perspectiva.

Segundo Bayley (2005), essas duas áreas de estudo partiram de uma preocupação comum: procurar compreender os sistemas subjacentes de variedades de línguas, muitas vezes variedades socialmente estigmatizadas, caso este analisado pela Sociolinguística Quantitativa ou a língua desenvolvida pelo aprendiz, no caso da aquisição de L2. No entanto, até o final da década de 1980 estudos variacionista eram relativamente raros em pesquisas no campo de L2. (BAYLEY, 2005, pp. 1-2).

As pesquisas em variação na L2 também buscam sugerir regras com o intuito de propor hipóteses sobre a ocorrência dessa variação na língua ou interlíngua do aprendiz. A esse respeito, Lima (2012) afirma que:

Esse entrosamento teórico entre Sociolinguística/Variação e Aquisição de L2 demonstra ter em comum o fator social interligando-as, de forma a buscar compreender, com maior rigor, que teor social há em processos de aquisição da linguagem. (LIMA, 2012, p. 40)

Sendo o domínio fonológico um dos ambientes que mais favorece a ocorrência da transferência linguística, percebemos a necessidade de desenvolver estudos voltados para questões sobre a transmissão de fenômenos fonológicos de L1 nos diferentes estágios do aprendizado de uma L2.

Partindo dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e da Aquisição de L2, este trabalho busca identificar a palatalização na produção do /S/ pós-vocálico no contexto /S/t realizada por falantes paraibanos de inglês como L2, conforme os exemplos a seguir:

Ex: We are studying the **Past** Tense.

Realização da alveolar: /'pa:st/

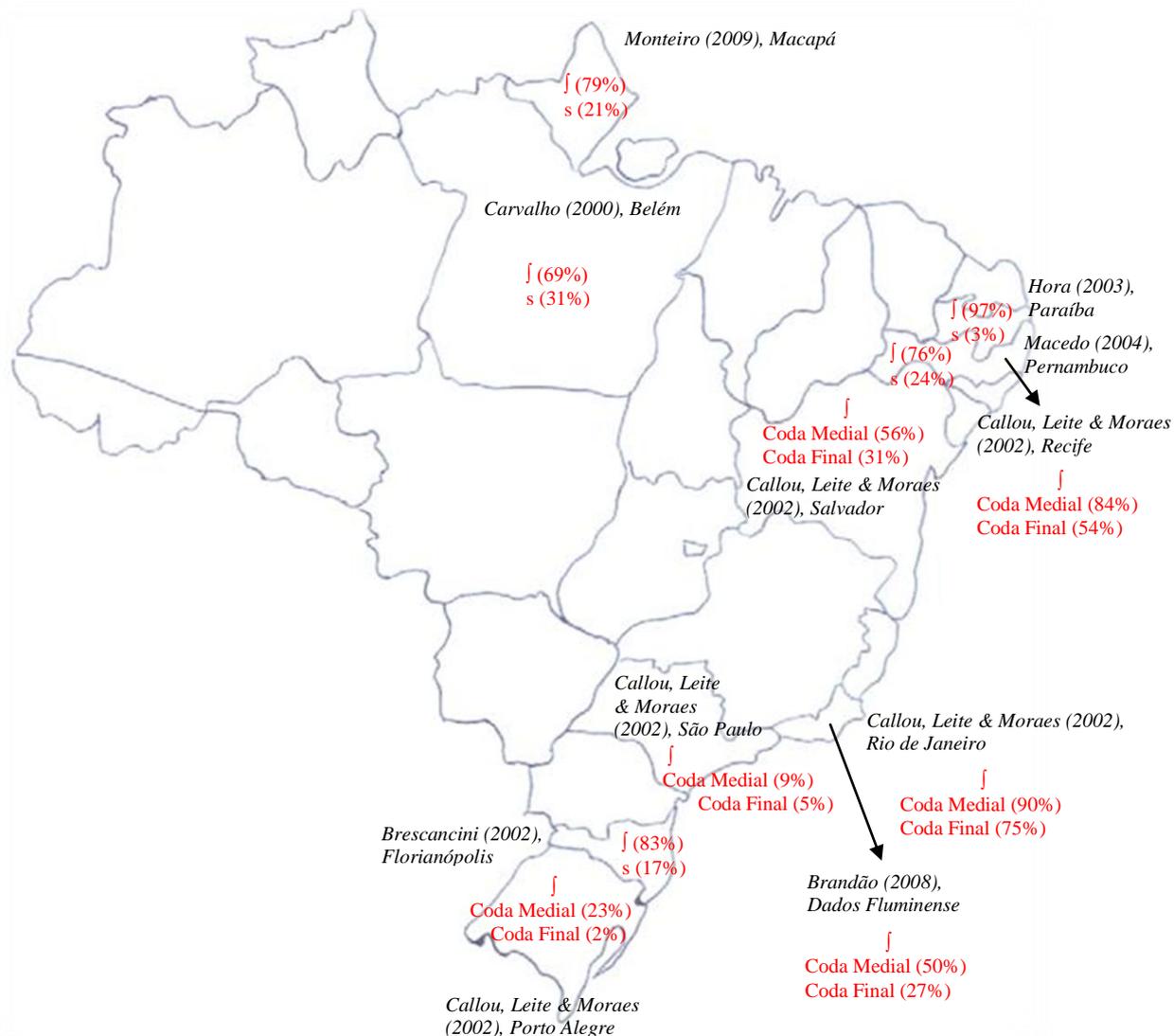
Realização da palatal: /'pa:ʃt/

Diversas pesquisas foram realizadas com o objetivo de analisar o fenômeno da palatalização em Português brasileiro (PB), das quais podemos destacar as de Carvalho (2000), Brescancini (2002) Callou, Leite & Moraes (2002), Hora (2003), Silva (2004),

Macedo (2004), Brandão (2008), Monteiro (2009), dentre outras. Todavia, não temos notícia de nenhum estudo sobre a palatalização em língua inglesa nessa linha.

A partir das pesquisas acima citadas e com base em Noll (2008, p. 52), a palatalização do /S/ nas cinco regiões do Brasil pode ser esquematizada da seguinte forma:

Figura 1 – A palatalização do /S/ em coda silábica no PB



Observando o mapa, a palatalização do /S/ se mostra bastante produtiva no português brasileiro. Quando temos a variante palatal em posição de coda medial e final, a divisão apresenta uma maior ocorrência em posição medial.

Trabalhos (SARAIVA, 2000; PEDROSA, 2009) apontam que a coda silábica é uma posição que favorece bastante o fenômeno da variação. Nesta posição, o /S/ não apresenta valor distintivo, mas sim, uma variação linguística. Um caso de variação desse segmento ocorre no falar paraibano. De acordo com Hora e Pedrosa (2008), diferentemente de outros falares brasileiros, os paraibanos utilizam mais as palato-alveolares a depender do contexto fonológico seguinte. As variantes palatais ocorrem categoricamente quando o contexto fonológico seguinte for uma oclusiva dental.

Por outro lado, na língua inglesa a palatalização desse segmento nesse mesmo contexto fonológico não ocorre. Esta afirmação nos levanta o questionamento se paraibanos usuários do inglês palatalizam o /s/ ante o fonema /t/ quando estão falando a língua inglesa.

De modo geral, esse estudo tem a finalidade de identificar se há transferência do dialeto paraibano na realização do /S/t em palavras de língua inglesa, levando em consideração os casos de interlíngua (IL).

Por interlíngua, entendemos ser um sistema linguístico próprio criado pelo usuário de uma L2¹, figurando em um período intermediário, ou seja, entre a L1 e a L2. Formulado pelo linguista americano Larry Selinker em 1972, o termo IL *propõe que a expressão em L2 é a manifestação de um sistema de conhecimento autônomo em relação ao sistema que dá suporte à L1* (CARNEIRO & SOUZA, 2012, p. 109). De acordo com Ellis (1997), a IL é uma língua criada pelo aprendiz de L2 que compreende aspectos de sua língua materna e da língua estrangeira. Especificamente, essa pesquisa ainda pretende identificar se há ou não a palatalização do /S/ ante a oclusiva dental surda na produção oral em inglês por aprendizes paraibanos, bem como analisar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem favorecer a ocorrência dessa transferência, por meio da análise quantitativa dos dados.

Analisando as estruturas silábicas de ambas as línguas, notamos que sequência do tipo “state” é recorrente no inglês, ao passo que em português, a sequência /S/t não forma sílaba. Para realização no português, seria necessária a inclusão de uma vogal antes do segmento [s].

Além de passar pelo processo de epêntese (acréscimo de uma letra ou de uma sílaba sem valor determinado no meio de uma palavra), nesse caso a inclusão do [i] antes do contexto /S/t, essa mesma sequência também pode sofrer outro tipo de influência da língua materna. O aprendiz pode, por exemplo, palatalizar o [s], uma vez que, em coda silábica, o [s] e [ʃ] podem apresentar um caso de alofonia, ou seja, pode-se dizer que o [s] pode se tornar [ʃ] ante a oclusiva dental surda [t]. No entanto, na língua inglesa não ocorre a alternância desses segmentos diante do [t], o que não caracteriza um caso de alofonia na L2. Discorrendo sobre a alofonia entre as línguas portuguesa e inglesa, Sant’Anna (2003) afirma que:

A alofonia diferente entre as duas línguas pode levar o estudante a pronunciar as diferentes realizações de alguns fonemas ingleses da maneira como está habituado a fazê-lo em sua própria língua, e talvez esse seja o problema mais difícil de superar durante o processo de aprendizagem da L1². (SANT’ANNA, 2003, p. 65- 66)

No caso da língua portuguesa, a permissão da alternância dos sons [s] e [ʃ] diante do segmento [t] caracteriza um fenômeno que chamamos de variação linguística. Com isso, observamos que no falar dos paraibanos, uma variedade do português do Brasil, existe a ocorrência da palatalização do segmento [s] ante a oclusiva dental surda [t], conforme Hora (2003).

Devido ao contraste existente entre o molde silábico do português e do inglês, os aprendizes de L2 podem apresentar interferência na aquisição da pronúncia padrão do inglês. Especificamente no caso dos aprendizes paraibanos, eles poderão palatalizar o /S/ na sequência /S/t, devido ao fato de ser um traço característico do dialeto paraibano.

1. Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua partindo do contexto social na qual ela se insere. Tais fenômenos são inerentes às

¹ Segundo Carneiro & Souza (2012), o termo *usuário de L2*, proposto por Cook (2002), é mais abrangente que *aprendiz*, pois este último dá uma ideia de *um sujeito incompleto e anterior a uma meta ideal de aprendizagem* (CARNEIRO & SOUZA, 2012, p. 109). Todavia, utilizaremos esses termos como sinônimos.

² Língua Inglesa

línguas humanas e, desta feita, devem ser considerados na análise linguística. De acordo com os estudiosos da área, para se entender os dois processos em questão é imprescindível observar o comportamento linguístico dos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade de fala, pois não há como conceber a variação e mudança sem levar em conta o contexto social. Entende-se por comunidade de fala um grupo de pessoas que possuem traços linguísticos comuns. Isso não significa dizer que os indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade falam de igual modo, mas sim, que não se distinguem quanto às normas e atitudes linguísticas face ao uso da linguagem (LABOV, 2008 [1972]). Em outras palavras, o sujeito compartilha com os membros de seu grupo, particularidades linguísticas que sempre serão associadas a sua comunidade (GUY, 2000).

A primeira teoria que propôs e abordou o fenômeno da variação e da mudança na língua foi resultado de um trabalho em conjunto desenvolvido por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (1968).

A partir deste e de outros trabalhos (LABOV, WEINREICH & HERZOG, 1968; LABOV, 1972), Labov lança um novo modelo teórico-metodológico, objetivando descrever a variedade linguística de uma dada comunidade, bem como os principais fatores que motivam tal variação. Esses fatores podem ser:

- a) linguísticos também chamados de *variantes internas*. Estão associados ao fenômeno em estudo. Podem ser de natureza fonológica, morfológica, sintática e semântica;
- b) extralinguísticos ou *variantes externas*. Esses fatores estão associados diretamente ao informante, tais como o sexo, a idade, o grau de escolaridade, classe social dentre outros.

De acordo com Tarallo (2007), podemos identificar qual a região de origem de um determinado indivíduo, qual o seu grau de instrução, sexo, classe social, quando o mesmo faz uso de uma determinada variante.

Como a Sociolinguística trata da observação da fala natural, coletar os dados é uma das etapas mais árduas da pesquisa. Conforme Tagliamonte (2006) assevera, a fase de colhimento dos dados é um desafio, pois o pesquisador tem que obter um material linguístico que seja adequado à análise. Para tanto, deve-se buscar uma situação em que a fala seja suscitada da maneira mais espontânea possível, pois serão os registros da fala do informante que permitirão descrever e explicar o fenômeno em estudo.

Podemos dizer que o objeto de estudo da análise sociolinguística é o vernáculo, ou seja, a fala espontânea da comunidade estudada.

Os estudos sociolinguísticos vêm promovendo contribuições significativas para diversas áreas de conhecimento. A interface com o campo de Aquisição de L2, por exemplo, tem apresentado resultados bastante produtivos, indicando que a Sociolinguística ultrapassa os limites da análise linguística em língua materna.

2. Aquisição de L2

Os estudos desenvolvidos no campo de Aquisição de Segunda Língua (L2) intensificaram-se após a década de 1960, o que a caracteriza, portanto, como uma área relativamente nova de estudo. As pesquisas nessa área partiram do desejo de entender como se dá o complexo processo de aquisição de uma língua não nativa, isto é, a aquisição de outra língua subsequente à materna, buscando explicar quais os fatores que interatuam nesse processo. Desde então, trabalhos (ELLIS, 1997; WHITE, 2003; SPINASSÉ, 2006; PEREYRON, 2008; LUCENA & ALVES, 2009; 2010; FRAGOZO, 2010; LIMA, 2012) vêm sendo desenvolvidos, abordando questões sobre ensino-aprendizagem de línguas, interlíngua, plurilinguismo, casos de transferências, dentre outros.

Durante o processo de aquisição de outra língua, a mente do aprendiz opera com dois sistemas, fazendo com que um sistema linguístico influencie o outro (COOK, 1993). No

momento em que um código exerce influência sobre o outro, temos a chamada *transferência linguística*.

A transferência linguística figurou como o ponto de partida nos estudos sobre aquisição de L2. Os pesquisadores da área buscavam compreender as estruturas cognitivas envolvidas durante esse processo, considerando como o conhecimento linguístico já existente dos aprendizes influenciaria o curso do desenvolvimento da L2 (ELLIS, 2003).

O objeto de estudo do presente trabalho, portanto, está agregado às duas últimas temáticas supracitadas. Conforme Lima (2012) declara, a transferência é o fator responsável pela formação da interlíngua, fenômeno que será tratado na próxima seção.

3. Interlíngua

Durante o processo de aquisição de uma L2, os aprendizes desenvolvem um sistema linguístico com o intuito de produzir e compreender a segunda língua. A gramática criada por eles (de forma inconsciente) sofre influências externas e internas (através da transferência linguística da L1, por exemplo). O surgimento dessa língua, principalmente durante os anos iniciais da aprendizagem, é um sistema linguístico que, de certa forma delimita a L1 dos aprendizes, não sendo, de fato, a gramática da língua materna, mas que também é diferente da L2 (ELLIS, 1997). A esse fenômeno dá-se o nome de interlíngua (IL). Segundo Ellis (1997, p. 33) “a interlíngua de um aprendiz é, portanto, um sistema linguístico único”³.

Selinker (1972) foi o primeiro linguista a empregar o vocábulo *interlíngua*. Para o referido autor, há um terceiro sistema envolvido no processo de aquisição além da língua nativa do aprendiz e da língua-alvo. Esse sistema, segundo Selinker (1972), pode ou não conter elementos da L1 e da L2. Ainda de acordo com o pesquisador, o aprendiz nem sempre transfere para a sua IL o que está em sua língua materna.

De acordo com Pereyron (2008), os estudos sobre a fonologia da interlíngua começam a ser realizados com Eckman (1977). O referido autor realiza pesquisas sobre os possíveis problemas enfrentados por um falante de L1 no processo de aquisição de uma L2, enfatizando a questão da epêntese vocálica no inglês como L2 por falantes brasileiros.

Para dar conta de aspectos que possam explicar a ocorrência de certos fenômenos linguísticos durante o processo de aprendizagem de uma língua subsequente à nativa, fatores sociais passaram a ser incorporados nas pesquisas sobre aquisição de L2.

Vejam, na seção seguinte, as contribuições oriundas da interface Sociolinguística e Aquisição de L2.

4. Sociolinguística e Aquisição de L2

A união desses dois campos de estudo permite entender como fatores extralinguísticos, tais como, sexo, faixa etária, grau de escolaridade, por exemplo, podem explicar uma determinada produção da língua (ou interlíngua) de um falante de L2.

Fragozo (2010) apresenta uma discussão bastante pertinente em torno de um dos benefícios trazidos pela interface da Sociolinguística Aquisição de L2. Segundo a autora, uma das contribuições está relacionada ao próprio conceito de língua alvo. Muitas vezes, usa-se o referido termo como sinônimo para língua padrão. De acordo com a pesquisadora, devemos deixar claro que a língua padrão “é a variante detentora de maior prestígio na sociedade” e a língua alvo “é qualquer variante à qual o aprendiz é exposto e toma como modelo” (FRAGOZO, 2010, p. 48). A autora conclui que a variedade que o aprendiz irá adquirir,

³ “A learner’s interlanguage is, therefore, a unique linguistic system.”

dependerá da variedade de língua que ele será exposto, e não da língua tida como padrão (*ibidem* p. 49).

Com isso, Fragozo (2010) sugere que a própria variante do professor poderá exercer grande influência na produção do aluno, pois, para o aprendiz, a pronúncia do professor é o modelo.

A variante falada pelo professor pode ter grande influência na produção do aprendiz. No Brasil, por exemplo, grande parte dos professores de língua inglesa não são falantes nativos, ou seja, também fala inglês como LE. Em alguns casos, o aluno produz exatamente a mesma pronúncia do professor, pois esse é seu modelo, ou o seu alvo. Se a pronúncia do professor não é padrão, conseqüentemente a pronúncia do aluno poderá não ser padrão. (FRAGOZO, 2010, p. 49)

Deste modo, observamos que muitos são os fatores que atuam durante a aquisição de uma L2. Devemos deixar claro que quaisquer que sejam as variáveis envolvidas (linguísticas ou extralinguísticas), os estudos que partem da ligação desses dois campos linguísticos se propõem a compreender o complexo processo de se adquirir um novo sistema diferente da língua nativa do indivíduo.

5. Metodologia

Para a constituição do *corpus* que compõe a pesquisa, foram selecionados dezoito informantes, que foram divididos igualmente em dois grupos (nove de Letras e nove dos demais cursos). A escolha dos participantes levou em consideração os seguintes requisitos:

► ser (ou ter sido) aluno do curso de Letras – Inglês, tendo cursado a disciplina de Fonética e Fonologia (GRUPO 1) ou;

► ser graduado ou graduando de qualquer outro curso superior (GRUPO 2).

O primeiro requisito deu origem ao grupo dos informantes com consciência fonológica (explicaremos essa variável posteriormente). Os participantes selecionados que se enquadraram no segundo item, foram (ou são) alunos dos seguintes cursos: Fisioterapia, Direito, Administração, Biblioteconomia, Turismo, Química Industrial e Jornalismo.

A fim de avaliarmos o real nível de proficiência do informante, foi realizado um teste de nivelamento, o *Oxford Placement Test* (ALLAN, 2004). A partir do resultado do referido teste, nivelamos os participantes entre os estágios básico, intermediário ou avançado.

Devemos deixar claro que os informantes que já possuíam algum tipo de teste de nivelamento, não foram submetidos ao *Oxford Placement Test* (ALLAN, 2004)⁴.

Em seguida, os informantes foram submetidos à gravação da leitura de uma lista de frases e de dois pequenos textos. Ambos os instrumentos abrangiam construções nas quais favoreciam a ocorrência da palatalização no contexto em estudo. No primeiro instrumento, a lista de frases, as palavras foram inseridas na frase-veículo *The Word is*. No segundo instrumento, inserimos as mesmas palavras nos textos, que foram criados com o intuito de analisar a influência de contextos maiores e menores na produção do fenômeno em estudo.

A lista de frases é constituída de 24 palavras, sendo 6 delas distratoras. A utilização desse recurso é uma estratégia usada para se evitar um possível direcionamento dos participantes para o assunto da pesquisa.

⁴ Dos dezoito participantes, uma já havia realizado o TOEFL e outra o *My English Online*. Os demais realizaram o *Oxford Placement Test*.

As palavras utilizadas apresentavam o segmento /S/ em contextos tônicos e átonos. Para cada um desses contextos, foram escolhidas 3 palavras. Também foi levado em conta o contexto fonológico precedente.

As listas de frases e de textos foram apresentadas aos participantes por meio de *slides* exibidos no aplicativo *PowerPoint*.

A fim de obter-se o material linguístico necessário para a apreciação, submetemos os dados ao *GoldVarb X* (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005). O programa apresenta os valores de aplicação do fenômeno em estudo em relação às variáveis independentes.

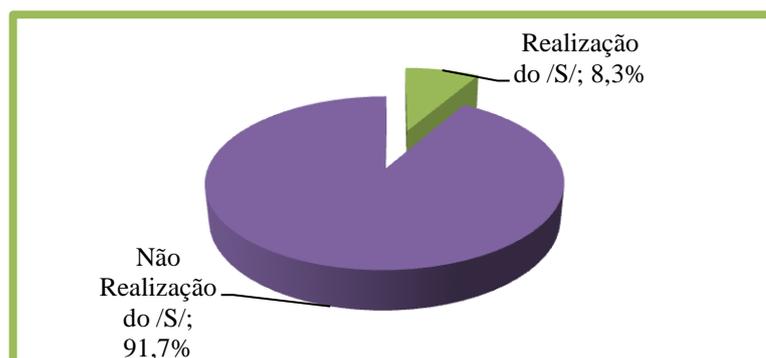
A variável dependente da presente pesquisa é a palatalização do /S/ em posição pós-vocálica no contexto /S/t da língua inglesa, conforme já mencionamos. Assim, teremos a aplicação da regra quando o informante produzir a palatal no referido contexto (lo[*ʃ*]t) ou a não aplicação (lo[s]t).

As variáveis independentes da presente pesquisa foram elaboradas com base nos estudos de Pereyron (2008), Alves (2009), Fragozzo (2010) e Lima (2012), que trabalham na interface Sociolinguística e Aquisição de L2. De Pereyron (2008), utilizamos a variável *tipo de instrumento* (linguística) e *nível de proficiência* (extralinguística). Da dissertação de Fragozzo (2010), usamos o fator *contexto fonológico precedente* (linguístico). A variável *tonicidade* (linguística) foi elaborada com base no trabalho de Lima (2012). Por fim, o fator *consciência fonológica explícita* (extralinguístico) foi embasado na proposta de Alves (2009).

6. Resultados e Análises

Para o *corpus* desta pesquisa foi levantado um total de 592 ocorrências, das quais 8,3% (49/592⁵) correspondem à aplicação da palatalização do segmento /S/ no contexto /S/t e 91,7% (543/592) concernentes a não execução do fenômeno, conforme apresenta o gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Frequência Global da Palatalização



A partir da análise do gráfico, evidencia-se que há a transferência de traço do falar paraibano (L1) para a língua inglesa (L2). Assim como o esperado, houve um baixo índice de ocorrência do fenômeno. O resultado demonstra que o aprendiz, de certa forma, possui a consciência de que as estruturas das duas línguas são distintas, pois há o cuidado em reproduzir as estruturas da L2 o mais próximo possível da forma que ele aprendeu.

Os dados dialogam com os resultados de pesquisas já realizadas na interface Sociolinguística Variacionista e Aquisição de L2 (PEREYRON, 2008; LUCENA & ALVES,

⁵ Os números apresentados antes da barra correspondem à aplicação da variável analisada (49), do total geral de ocorrências, sendo este último indicado pelo número após as barras (592).

2009; LIMA, 2012). Apesar de tratarem de um fenômeno diferente, os números apontaram a predominância da não aplicação da regra.

6.1 Seleção das Variáveis pelo Programa

Na análise quantitativa dos dados, o programa GoldVarb X (op.cit.) não selecionou todas as variáveis independentes como relevantes a aplicação da palatalização. A primeira variável independente selecionada pelo programa como a mais favorável para a aplicação do fenômeno foi extralinguística: o *nível de proficiência*. Essa variável tem por finalidade verificar a hipótese de que o grau de conhecimento da língua alvo terá um grande efeito na realização do fenômeno, isto é, quanto menor o nível de proficiência do informante, maior será a chance de produção da fricativa coronal palatalizada e vice-versa. A tabela a seguir comprova a nossa hipótese inicial.

Tabela 1 – Nível de Proficiência

FATORES	APL./TOTAL	%	PESO RELATIVO
<i>Básico</i>	27/198	13,6	0.69
<i>Intermediário</i>	15/205	7,3	0.50
<i>Avançado</i>	7/189	3,7	0.29
TOTAL	49/592	8,3	–

Input: 0.036

Significância: 0.000

Os dados da tabela 1 corroboram a nossa hipótese, pois a palatalização foi mais recorrente entre os aprendizes de inglês como L2 de nível básico (P.R. 0.69).

É interessante perceber a relação diretamente proporcional entre os pesos relativos e os níveis de proficiência. Analisando a distribuição dos P.R. da tabela acima, observa-se que os informantes do nível intermediário ficaram exatamente no ponto neutro (0.50). Vemos que à medida que os falantes se familiarizam com a estrutura fonológica da L2, com a nova fonotática, se mostrando, também, capazes de produzir estruturas mais complexas, menos eles palatalizaram, ou seja, ficaram abaixo do ponto neutro. Por outro lado, os aprendizes do nível básico foram os que mais realizaram o fenômeno, apresentando um P.R. de 0.69, isto é, acima da média. Acreditamos que isso se deve ao fato desses informantes ainda estarem aprendendo a manejar os mecanismos de estruturação da L2, o que deixa a pronúncia mais distante da produção nativa. Consequentemente, eles produzirão construções mais próximas às encontradas na L1, o que constitui um caso de transferência linguística.

Dentre as variáveis linguísticas, a tonicidade foi a primeira selecionada pelo programa. Na sequência de significância, esse fator foi o segundo escolhido.

Essa variável foi dividida de forma a assumir duas posições: *tônica* e *átona*. O contexto tônico é caracterizado pela sílaba mais proeminente da palavra. Consequentemente, o átono é formado pela *sílaba* pronunciada com menor intensidade.

A hipótese inicial era que a frequência de aplicação da palatalização se manifestaria em sílabas átonas, haja vista que os resultados de outros trabalhos que também versaram sobre o fenômeno (BHAT, 1978; MACEDO, 2004) apontaram essa tendência.

A tabela a seguir ilustra os resultados com os pesos relativos da variável em questão:

Tabela 2 – Tonicidade

FATORES	APL./TOTAL	%	PESO RELATIVO
<i>Tônica (boost)</i>	5/289	1,7	0.22
<i>Átona (almost)</i>	44/303	14,5	0.76
TOTAL	49/592	8,3	–

Input: 0.036
Significância: 0.000

Os resultados expressos na tabela 2 confirmam nossa suposição, pois os pesos relativos comprovam a tendência da palatalização ser menos recorrente em contextos tônicos (0.22). Assim, verificou-se que o fenômeno foi favorecido em sílabas átonas, como em *administrative*.

Deste modo, constatou-se que o nível de acento da sílaba tem influência sobre a palatalização, devido à alternância entre sílabas átonas (fracas) e tônicas (fortes) ser uma característica do ritmo da língua inglesa (FRAGOZO, 2010).

Os valores expressos na tabela corroboram os resultados de Macedo (2004), os quais apontam a propensão de aplicação da regra em contexto átono.

O terceiro e último fator selecionado pelo programa foi *contexto fonológico precedente*. Esta variável refere-se ao segmento que antecede o contexto /S/t. Dividimos o contexto fonológico precedente em três categorias: *vogais altas*, *médias* e *baixas*. Como hipótese, tem-se que as vogais altas favorecem o fenômeno da palatalização.

Nossa proposição baseia-se nos resultados do estudo realizado sobre a distribuição das variantes coronais no PB (GRYNER & MACEDO, 2000).

Isto posto, pretendemos averiguar se esses mesmos agentes condicionantes do fenômeno em português, também motivam a palatalização em língua inglesa por falantes paraibanos nesse contexto.

Os nossos resultados para a variável contexto antecedente são os seguintes:

Tabela 3 – Contexto Fonológico Precedente

FATORES	APL./TOTAL	%	PESO RELATIVO
<i>Vogais Altas (least)</i>	6/195	3,1	0.27
<i>Vogais Médias (lost)</i>	29/202	14,4	0.71
<i>Vogais Baixas (ghastly)</i>	14/195	7,2	0.49
TOTAL	49/592	8,3	–

Input: 0.036
Significância: 0.000

Como nos revelam os dados acima, percebemos que os resultados contradizem nossas expectativas, tendo em vista que esperávamos que as vogais altas exercessem uma maior influência na realização da palatalização.

Em contradição à nossa hipótese, as vogais altas apresentam um percentual de aplicação de apenas 3,1%, com peso relativo de 0.27, mostrando-se o fator menos favorável à

realização da palatalização. Em contrapartida, as vogais médias foram as mais favoráveis à aplicação dessa regra variável, com um p.r. de 0.71, bem acima do ponto neutro. As vogais baixas, com um peso relativo de 0.49, foram as que se mostraram desfavoráveis à ocorrência do dado fenômeno.

Uma possível explicação é que, por se tratar de línguas distintas, mesmo a L1 exercendo influência sobre a L2, o aprendiz tem consciência de que está operando com sistemas linguísticos diferentes..

Considerações Finais

O presente trabalho teve por objetivo geral identificar se há transferência do dialeto paraibano na realização do /S/t em palavras de língua inglesa, levando em consideração os casos de interlíngua.

Os grupos de restrições analisados foram a *tonicidade*, o *contexto fonológico precedente*, o *tipo de instrumento*, *nível de proficiência na língua* e a *consciência fonológica explícita*. Dentre estes, uma variável linguística e uma extralinguística foram excluídas pelo programa, a saber, o *tipo de instrumento* e a *consciência fonológica explícita*.

O fator *tonicidade* foi o primeiro selecionado pelo programa, dentre o conjunto de restrições linguísticas. Esta variável revela que o contexto átono é um forte agente condicionante à aplicação da regra, confirmando a hipótese acerca de uma maior ocorrência da palatalização em sílabas átonas (MACEDO, 2004).

Em se tratando do *contexto fonológico precedente*, os dados gerados contestaram a hipótese inicialmente lançada. Esperávamos que as vogais altas favorecessem a aplicação do fenômeno. Fundamentamos essa proposição nos resultados sobre a palatalização em um estudo realizado no ano de 1981 por Gryner & Macedo (BRESCANCINI, 1996 *apud* MACEDO, 2004) na comunidade de Cordeiro. O programa apresentou as vogais médias como as mais favoráveis à produção da variante palatal. Neste ponto, gostaríamos de ressaltar que um cruzamento de variáveis poderia levar a outras conclusões. No entanto, deixaremos essa perspectiva para pesquisas futuras.

O programa não selecionou a variável *tipo de instrumento*, indicando que esse fator não se mostrou relevante na aplicação da palatalização. Assim como em nosso estudo, essa variável também foi descartada nas rodadas empreendidas por Pereyron (2008) e Lima (2012). Uma possível explicação para esse dado é que, por se tratar de produções em uma língua não nativa, o informante mantém um alto nível de atenção durante todo o processo de leitura, independente do instrumento utilizado.

O fator *nível de proficiência* foi o primeiro selecionado pelo programa como sendo o mais relevante à aplicação do fenômeno. Lançamos a hipótese que quanto maior o nível de proficiência do informante, menos ele utilizaria a variante palatal, enquanto que a palatalização ocorreria com maior frequência entre os aprendizes elementares. Os resultados corroboraram esta hipótese. É importante mencionar que o fato dessa variável ser o agente que mais favorece a palatalização prova que os fatores extralinguísticos exercem grande influência na aplicação de uma regra variável, e o estudo destes é fundamental em uma análise linguística.

Por fim, a variável extralinguística *consciência fonológica explícita* não foi selecionada na análise do programa. A hipótese lançada era a de que a não aplicação do fenômeno ocorreria entre aqueles que possuíssem essa consciência, haja vista o fato de já terem cursado disciplinas como Fonética e Fonologia da Língua Inglesa. Conforme já discutimos na seção 4.4.2, os resultados para esse fator apontam para uma discussão que vai além da sala de aula de ensino de inglês como L2. A referida disciplina, que compõe a grade curricular do curso de Letras – Inglês, precisa unir os pressupostos teóricos com a prática, isto

é, levar o profissional em formação a reconhecer que muitos “erros” cometidos pelos aprendizes podem ser casos de transferência linguística da L1 para a língua alvo.

Referências

- ALLAN, Duff. *Oxford Placement Test 1*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *Consciência dos aspectos fonéticos/fonológicos da L2*. In: LAMPRECHT, Regina Ritter [et al.]. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- BAYLEY, Robert. *Second Language Acquisition and Sociolinguistic Variation*. San Antonio: University of Texas, 2005.
- BHAT, D.N. *A general study of palatalization*. In: GREENBERG, J.S. (Ed). **Universals of human language**. Califórnia: Stanford University Press. P.47-92. (Phonology, v.2).
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *Estudo variacionista sobre a palatalização de /S/ em coda silábica na fala fluminense*. Anais do CELSUL. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- BRESCANCINI, Cláudia. *A fricativa palato-alveolar e sua complexidade*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2002.
- _____; *A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear*. Florianópolis: Dissertação de Mestrado, 1996. *Apud* MACEDO, Sandra Siqueira de. *A palatalização do /S/ em coda silábica no falar culto recifense*. Dissertação (Mestrado em Letras). Recife: UFPE, 2004.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne; MORAES, João. Processo(s) de Enfraquecimento Consonantal no Português do Brasil. In: In: ABAURRE, M. B. M., RODRIGUES, A. C. S. (org.) *Gramática do Português Falado*. v. VIII. Campinas: UNICAMP, 2002. p. 537-555.
- CARNEIRO, Marisa Mendonça; SOUZA, Ricardo Augusto. *Observação do processamento online: uma direção necessária para o estudo experimental da sintaxe bilíngue*. *REVEL*, v. 10, n. 18, 2012. [www.revel.inf.br]. Acesso em 03/12/2013.
- CARVALHO, Rosana Siqueira de. *Variação do /S/ pós-vocálico na fala de Belém*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belém: UFPA, 2000.
- COOK, Vivian. *Linguistics and Second Language Acquisition*. London: The Macmillan Press, 1993.
- ECKMAN, Fred R. *Markedness and the Contrastive Analysis Hypothesis*. *Language Learning*, 1977. v. 27, p. 315-330.
- ELLIS, Rod. *The study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1997.
- _____; *Second Language Acquisition*. 8 ed. Oxford, Oxford University Press, 2003.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.
- FRAGOZO, Carina Silva Sauro. *A redução vocálica em palavras funcionais produzidas por falantes brasileiros de inglês como língua estrangeira*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.
- GRYNER, H. & MACEDO, A. V. T. de. *A pronúncia do –s pós-vocálico na região de Cordeiro*. In: MOLLICA, M. C. & MARTELOTTA, M. E. *Análises Lingüísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Marbeth Editora/UFRJ/CAPES, Rio de Janeiro, 2000.
- GUY, Gregory Riordan. *A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialeto nos padrões de variação linguística*. *Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, 2000, v. 28 e 29. p. 17-32.

- HORA, Dermeval da. *Fricativas coronais: análise variacionista*. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Org.). *Português brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: Letras, 2003.
- _____; PEDROSA, Juliene Lopez Ribeiro. In RONCARATI, Claudia & ABRAÇADO, Jussara (Orgs). **Português Brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história**. Niterói: EduFF, 2008.
- LABOV, William; WEINREICH, Uriel; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].
- _____. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; M^a Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LIMA, Luana Anastácia Santos de. *Epêntese vocálica medial: uma análise variacionista da influência da língua materna (L1) na aquisição de inglês (L2)*. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2012.
- LUCENA, Rubens Marques de; ALVES, Ubiratã Kickhöfel. *Influência do dialeto materno na aquisição de inglês (L2): o caso das obstruintes em posição de coda*. Letra Viva, v. 9, p. 19-33, 2009.
- MACEDO, Sandra Siqueira de. *A palatalização do /S/ em coda silábica no falar culto recifense*. Dissertação (Mestrado em Letras). Recife: UFPE, 2004.
- MONTEIRO, Renata Conceição Neves. *A produção palato-alveolar de /S/ nas vozes do Amapá*. Dissertação (Mestrado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2009.
- NOLL, V. *O português brasileiro: formação e contrastes*. Tradução de Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Globo, 2008.
- PEDROSA, Juliene Lopes Ribeiro. *Análise do /S/ pós-vocálico no português brasileiro: coda ou onset com núcleo foneticamente vazio*. Tese (Doutorado em Linguística). João Pessoa: UFPB, 2009. 149p.
- PEREYRON, Letícia. *Epêntese vocálica em encontros consonantais mediais por falantes porto-alegrenses de inglês como língua estrangeira*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. *GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005.
- SANT'ANNA, Magali Rosa de. *As interferências fonológicas no inglês como língua estrangeira para os falantes do português do Brasil*. In *Dialogia*, v. 2, Outubro/2003.
- SARAIVA, Carlos Alberto Moreira. *As múltiplas realizações do fonema /S/ em posição de coda na fala do cratense*. Dissertação de Mestrado. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2000.
- SELINKER, Larry. *Rediscovering Interlanguage*. Longman, 1972.
- SILVA, Rosângela Villa da. *Aspecto da pronúncia do <S> em Corumbá – MS: uma abordagem sociolinguística*. Mato Grosso do Sul: Editora UFMS, 2004. Disponível em <<http://books.google.com.br/books>> Acesso em 06/07/2013.
- SPINASSÉ, Karen Pupp. *Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil*. Disponível em <<http://www.revistacontingencia.com>> Acesso em 10/07/2013.
- TAGLIAMONTE, Sali A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. -8ª ed. -São Paulo: Ática, 2007.
- WHITE, L. *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.